grupo para promoção de um clima emocional positivo entre seus membros; o estímulo à imaginação e as diferentes maneiras de fazê-lo devem fazer parte das aulas. Para que o lúdico contribua na construção do conhecimento faz-se necessário que o professor direcione a atividade e estabeleça os objetivos fazendo com que toda e qualquer ação tenha um caráter pedagógico e não seja uma mera brincadeira, promovendo, assim, a interação social e o desenvolvimento de habilidades intelectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Suzana Rangel Vieira da Cunha 2017 Arte Contemporânea e Educação Infantil – "Crianças observando, descobrindo e criando".

OLIVEIRA, L. M. C. Educação Infantile criatividade: percepção de professores. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaof inal_site.pdf.

HOLM, Anna Marie. Baby-Art – Os primeiros passos com a arte. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

IAVELBEG, R. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM: UM DILEMA PARA O CONTEXTO EDUCACIONAL

CÍNTIA DAYANE CARDOSO MARQUES

RESUMO

Este estudo versa sobre a importância do conhecimento sobre o que é o Transtorno de Aprendizagem e como ele pode afetar a vida acadêmica do sujeito. Sabe-se que o processo de aprendizado configura por etapas, as quais estão entrelaçadas à normalidade da aquisição/decodificação das informações. Harmonização esta que culmina, consequentemente, no desenvolvimento cognitivo. Todavia, quando este processo não acontece, um olhar criterioso deve ser acometido, em prol de soluções mais pontuais à resolução dos danos que podem vir ocasionar na vida escolar/social da criança. Pois, quanto mais estímulos forem apresentados, certamente melhores serão seus progressos. Destarte, quanto antes intervenções forem efetivadas a este grupo de discentes, melhores benefícios surgirão à uma aprendizagem significativa. Diante disso, cabe a instituição escolar um conhecimento mais técnico a respeito da conceituação do TA, seus tipos específicos e como proceder diante de evidência. Uma vez que essa postura configura um meio fundamental a percepção mais assertiva de certa limitação do aluno. E, também, um ambiente mais favorável para a viabilização de estratégias significativas para o desenvolvimento do mesmo. O objetivo do presente trabalho foi compreender como acontece a intervenção com alunos que apresentam o Transtorno de Aprendizagem no ambiente escolar. O

estudo é de caráter bibliográfico, construído a partir de leitura de livros, artigos que vem discutindo sobre a colaboração da temática do Transtorno de Aprendizagem no contexto educacional, literaturas que enfocavam principalmente o uso de intervenções significativas, entendidas e tratadas como essenciais para proporcionar uma melhor qualidade de vida do educando.

Palavras-chave: Transtorno de Aprendizagem; Dislexia; Discalculia; Disortografia; Aluno.

ABSTRACT

This study deals with the importance of knowledge about what Learning Disorder is and how it can affect the subject's academic life. It is known that the learning process is configured in stages, which are intertwined with the normality of information acquisition / decoding. Harmonization that culminates, consequently, in cognitive development. However, when this process does not happen, a careful look must be taken, in favor of more punctual solutions to the resolution of the damages that may come to cause in the school / social life of the child. For the more stimuli are presented, the better your progress will certainly be. Thus, the sooner interventions are made to this group of students, the better benefits will come from meaningful learning. Therefore, it is up to the school institution to have a more technical knowledge about the conceptualization of AT, its specific types and how to proceed in the face of evidence. Since this posture constitutes a fundamental means, the most assertive perception of a certain limitation of the student. And, also, the most favorable environment for the viability of significant strategies for the development of the same. The objective of the present work was to understand how the intervention with students with Learning Disorder occurs in the school environment. The study has a bibliographic character, built from reading books, articles that have been discussing the collaboration of the theme of Learning Disorder in the educational context, literature that mainly focused on the use of meaningful interventions, understood and treated as essential to provide a better quality of life for the student.

Keywords: Learning Disorder; Dyslexia; Dyscalculia; Dystography; Student.

INTRODUÇÃO

Entende-se que no contexto educacional diversos fatores são envolvidos para que o aprender aconteça de maneira significativa. E, dentre as interlocuções que acometem tal esfera o aspecto cognitivo torna-se um elo preponderante para que este anseio seja concretizado. Destarte, faz-se pertinente uma análise sensível a respeito dos desdobramentos funcionais do ser humano quanto ao seu processo de aprendizagem. Pois como é sabido, ela (aprendizagem) depende de condições estruturais e funcionais do sistema nervoso central para que advenha adequadamente aos parâmetros esperados da normalidade.

Considera-se, “anormal” tal anseio, quando se observa um desequilíbrio nestas funcionalidades neurais mencionadas. Gerando, desta forma, um conflito cognitivo no indivíduo. Configurando, muitas vezes, um possível transtorno de aprendizagem.

Segundo o DSM-IV (2002), transtornos da aprendizagem são diagnosticados quando os resultados do indivíduo em testes padronizados e individualmente administra-

dos de leitura, matemática ou expressão escrita estão substancialmente abaixo do esperado para sua idade, escolarização e nível de inteligência.

Para Novaes (2007), a real etiologia dos Transtornos de Aprendizagem ainda não foi esclarecida pelos cientistas, embora existam algumas hipóteses sobre suas causas. Há uma suposição de precedência de fatores biológicos, os quais interagem com fatores não biológicos.

O autor ainda salienta que:

Atualmente, os Transtornos da Aprendizagem originam-se a partir de distúrbios na interligação de informações em várias regiões do cérebro, os quais podem surgir durante o período de gestação. (NOVAES, 2007).

Destarte, para ele o desenvolvimento cerebral anormal do feto facilita o surgimento de um quadro de Transtorno da Aprendizagem que, possivelmente, só será identificado quando a criança necessitar expressar suas habilidades intelectuais na fase escolar.

Reforçando tal tese, Fragoso Neto (2007) comenta que para ser considerado um transtorno, a dificuldade de aprendizagem deve estar presente desde o início da vida escolar, não sendo adquirida ao longo da escolarização e, em consequência de falta de oportunidades de aprender, interrupções na escolarização, traumatismo ou doença cerebral.

Outro aspecto relevante quanto a caracterização do Transtorno de Aprendizagem é que, esse grupo apresenta risco maior do que a média de apresentar outras comorbidades, como transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), transtorno de comunicação, transtorno de conduta e transtornos depressivos. (SADOCK, 2007).

Em presença desses percalços, compreende que se faz necessário uma maior preocupação com indivíduos que apresentam o Transtorno de Aprendizagem, no cotidiano escolar. Pois, dentre outras funções, colabora majestosamente para o desenvolvimento cognitivo da criança, uma vez que visa melhorar e oportunizar a internalização das habilidades globais e específicas. Culminando em melhores possibilidades de adaptação ao mundo externo e estruturação das percepções.

Portanto, diante deste contexto surge a necessidade de um estudo mais aperfeiçoado sobre o Transtorno de Aprendizagem, o qual contribui significativamente para o êxito da criança nas distintas variáveis de sua vida. A inconstância para melhor compreender como o TA é trabalhado no ambiente educacional, deu-se a partir da preocupação (problema), a qual engloba o objetivo geral: compreender como acontece a intervenção com alunos que apresentam o Transtorno de Aprendizagem no ambiente escolar.

De acordo com esta perspectiva, este artigo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, a qual será realizada através de estudos, análises bibliográficas de autores que embasam a temática referida. Recursos estes utilizados para testar a seguinte hipótese: Possivelmente, as intervenções realizadas no contexto escolar, contribui significativamente para a promoção do pleno desenvolvimento do sujeito. Favorecendo assim, uma otimização expressiva em seu processo de aprendizagem, possibilitando consequentemente, melhores resultados no futuro.

As pessoas que serão contempladas

com essa pesquisa são todos aqueles que participam direta/indiretamente no estudo dos Transtornos de Aprendizagem. Nesse contexto, espera-se que o artigo aponte alguns mecanismos que venham a contribuir satisfatoriamente na vida dos indivíduos que apresentam em sua fase de aprendizagem tais características, possibilitando maiores informações de como se dá o funcionamento cognitivo deste grupo. Enfim, deseja-se que a leitura deste trabalho se constitua em um momento de aprendizado, e que fomente novos campos de pesquisa, pois, o estudo sobre a área dos Transtornos de Aprendizagem é inesgotável.

1. O que é o Transtorno de Aprendizagem?

O processo de aprendizagem é complexo e demanda uma série de fatores que faz com que venha transcorrer adequadamente. Todavia, quando neste cenário observa-se um parâmetro atípico, sinalizando certa anormalidade, como sinais de atraso/inversão/omissão na fala; dificuldade na coordenação motora; histórico familiar conformado por certo déficit acadêmico (aspecto genético); problemas na realização das atividades escolares, é recomendado um estudo mais aprofundado na questão do aprender do sujeito. Pois, em muitas situações esses aspectos podem configurar o desenvolvimento de um Transtorno de Aprendizagem.

Sabe-se que a aprendizagem se processa no SNC. Por isso, a postulação que educação e cérebro estão totalmente interrelacionados através da atuação neurocognitiva faz-se presente em determinadas colocações a respeito do processo do aprender. Este órgão consegue delinear o processo do aprendizado, comumente a possibilidade de ressignificação deste conhecimento adquirido. Destarte, seu funcionamento pode ser entendido de muitas formas ou níveis, começando pelo nível anatômico ou macroscópico, passando pelo nível microscópico, como o da organização dos tecidos. Os aspectos anatômicos ou estruturais do SNC envolvidos na aprendizagem são importantes para o entendimento do ato de aprender, tanto em condições normais ou patológicas como em interligações neurais necessárias das células para uma função adequada. (RELVAS, 2015).

Todavia, caso a funcionalidade neurológica e neurofuncional do SNC, esteja comprometida há um retrocesso na aquisição do conhecimento, uma vez que tende influenciar diretamente na aprendizagem do indivíduo. Pois, o sujeito não consegue associar corretamente as informações e formalidades do aprender.

Perante tal contextualização compreende-se esta anormalidade em crianças que caracterizam sinais/sintomas dos Transtornos de Aprendizagem, isto é, dificuldades persistentes em adquirir conhecimentos nas áreas básicas do ensino fundamental: leitura, escrita e matemática. Alguns sinais que caracterizam o transtorno no indivíduo é a dificuldade em copiar atividade (atitude esta que faz com que ele tenha certa resistência em querer ir para a escola, pois troca letras); limitação em compreender aspectos numéricos, identificar lateralidade. Assim, o universo escolar acaba sendo algo desconfortável, já que não consegue acompanhar o ritmo dos demais.

Sustentando tal postulação, Fletcher (2003) afirma que para cada transtorno de aprendizagem, sua principal manifestação

representa déficits nas habilidades acadêmicas específicas (reconhecimento de palavras, compreensão leitora, em fluência da leitura, em cálculos/resolução de problemas matemáticos e expressão escrita. Destarte, uma validação da classificação do TA, pode ser dada a partir destes panoramas, os quais representam um conjunto de indicadores de desempenho que formam a base para a classificação.

O autor mencionado acima ainda ressalta que os transtornos de aprendizagem podem também ter origem na influência dos fatores neurobiológicos e ambientais, através de uma interação destes domínios. Os fatores neurobiológicos, são fontes neurais e genéticas de variabilidade que causam déficits em habilidades acadêmicas por meio de sua influência nas características da criança. E, por fim ele salienta que:

"O desempenho das potencialidades e das fraquezas escolares também é influenciado por um conjunto de características que se encontram no domínio psicossocial. (FLETCHER, 2003). O transtorno de aprendizagem não deve ser utilizado como sinônimo de dificuldade de aprendizagem, uma vez que a dificuldade é um termo mais global e abrangente, com causas relacionadas com o sujeito que aprende, com os conteúdos pedagógicos, com o professor, com os métodos de ensino e, até mesmo, com o ambiente físico e social da escola; enquanto que o transtorno de aprendizagem se refere a um grupo de dificuldades mais difíceis de serem identificadas, mais específicas e pontuais, caracterizadas pela presença de uma disfunção neurológica, que é responsável pelo insucesso na escrita, na leitura e no cálculo matemático (FONSECA, 1995).

E, por fim, o DSM – V (2014) classifica os transtornos específicos de aprendizagem como transtornos do neurodesenvolvimento de origem biológica, onde que os mesmos transtornos podem se manifestar por influências ambientais sejam elas de cunho familiar ou escolar, lesões cerebrais ou ainda por desequilíbrio químico.

Quanto ao seu tratamento Fletcher (2003), ressalta que a identificação deve se concentrar no desempenho acadêmico e na resposta à instrução, especialmente porque esses tipos de avaliações estão diretamente relacionados com o tratamento e porque as intervenções nas habilidades acadêmicas têm as maiores evidências de eficácia. A avaliação e a identificação também envolvem avaliações da resposta à instrução e da qualidade da instrução.

É essencial para o tratamento a participação da família em buscar meios contundentes em prol da resolução e/ou amenização dos danos do TA. Juntamente com a escola, faz-se necessário uma equipe multidisciplinar que venha cooperar neste processo com conhecimentos e estratégias pertinentes à promoção de uma aprendizagem significativa do sujeito. Superando assim, tais limitações. E o inserindo em um cenário mais satisfatório para o aprender.

1.1 - Tipos específicos dos Transtornos de Aprendizagem

É sabido que atualmente, há uma preocupação acentuada aos problemas relacionados à aprendizagem. Um aspecto positivo que contribui constantemente para o pleno desenvolvimento do sujeito. Pois, como se observa, diversas crianças em fase escolar apresentam determinadas dificuldades no ato do aprender, o que pode culminar num insucesso escolar. E havendo esta

preocupação maiores intervenções podem ser evidenciadas em prol da amenização dos déficits educacionais.

Riesgo (2016) reforça que os transtornos específicos do desenvolvimento das habilidades escolares compreendem grupos de transtornos manifestados por comprometimentos específicos e significativos no aprendizado de habilidades escolares.

Barbosa (2015), ainda sustenta que os transtornos de aprendizagem se caracterizam por sua base neurobiológica, que são ativadas durante o aprendizado, prejudicando a leitura, escrita e aritmética, acometendo cerca de 5 a 15% das crianças em fase escolar.

Segundo Novaes (2007), há basicamente três tipos de transtornos específicos de aprendizagem, de acordo com o CID-10 e o DSM-IV: o Transtorno da Leitura, o Transtorno da Matemática e o Transtorno da Expressão Escrita.

(RIESGO et al., 2016), complementa tal citação, esboçando que a caracterização geral desses transtornos não difere muito entre os dois manuais mencionados acima. Portanto, ele corrobora que Transtorno de leitura, é caracterizado por uma dificuldade específica em compreender palavras escritas; Transtornos da matemática, também conhecido como discalculia, não é relacionado à ausência de habilidades matemáticas básicas, como contagem, e sim a forma com que a criança associa essas habilidades com o mundo que a cerca; e Transtorno da expressão escrita, refere-se apenas à ortografia ou caligrafia, na ausência de outras dificuldades da expressão escrita.

O autor ainda conclui que no transtorno da expressão escrita, geralmente há uma combinação de dificuldades na capacidade de compor textos escritos, evidenciada por erros de gramática e pontuação dentro das frases, má organização dos parágrafos, múltiplos erros ortográficos, na ausência de outros prejuízos na expressão escrita.

Em presença do esboço, compreende-se que estes distúrbios de aprendizagem estão dentro da categoria de transtornos do desenvolvimento psicológico, mais especificamente, como transtornos específicos do desenvolvimento das habilidades escolares e dentro dessa categoria estão a dislexia, a discalculia, a disgrafia, a disortografia (FRANCESCHINI et al., 2015).

Perante a perspectiva de melhores esclarecimentos faz-se pertinente uma definição de cada um dos tipos que engloba o TA.

De acordo com a Associação Internacional de Dislexia (2003):

Dislexia é uma incapacidade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um déficit fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas.

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (2000), a dislexia é um transtorno específico no aprendizado da leitura, cuja característica principal é o rendimento escolar abaixo do esperado para a idade cronológica, potencial intelectual e escolaridade do indivíduo. A primeira manifestação da dislexia surge no início da alfabetização, quando a criança apresenta dificuldade na decodificação fonografêmica, habilidade essencial para compreender e utilizar a associação dos si-

nais gráficos com sequências fonológicas das palavras.

Diante disso, percebe-se que o aluno com Dislexia não consegue fazer as devidas conexões nas áreas de competência da leitura e escrita. Refletindo assim, numa maior dificuldade para ele entender, memorizar, raciocinar, interpretar conteúdos de tais áreas. O que culmina num prejuízo no seu processo de aprendizado.

Outro transtorno que engloba o grupo dos TAs é a Discalculia - um transtorno de aprendizagem causado por má formação neurológica que se manifesta como uma dificuldade da criança para realizar operações matemáticas, classificar números e colocá-los em sequência. (GARCIÁ, 1998).

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DMS IV - 2002), a Discalculia é definida como:

"Uma capacidade para a realização de operações aritméticas acentuadamente abaixo da esperada para a idade cronológica, a inteligência medida e a escolaridade do indivíduo. Este transtorno interfere significativamente no rendimento escolar ou em atividades da vida diária que exigem habilidades matemáticas". (DSM IV, 2002).

Com isso, entende-se que o transtorno da matemática, conhecido como Discalculia, é um problema complexo, que acaba impedindo a compreensão dos conceitos matemáticos e sua incorporação na vida cotidiana. Detectar o problema não é fácil. Todavia, faz-se necessário para a promoção de melhores resultados acadêmicos na criança.

Já a Disgrafia caracteriza-se, segundo Topczemwki (2000), por uma escrita mal elaborada, não se conseguindo, muitas vezes, decifrar o que está escrito. Há vezes em que nem a própria criança consegue compreender o que escreveu. A respeito disso, o autor ainda aponta que:

"Entre os adultos a disgrafia é encontrada, de modo tradicional, principalmente no meio médico, pois poucas são as pessoas que conseguem decifrar o que foi escrito no receituário." (TOPCZEMWKI, 2000).

Dando continuidade, a definição dos Transtornos de Aprendizagem, encontra-se a Disortografia - compreende-se que uma criança com Disortografia demonstra, geralmente, falta de vontade para escrever e os seus textos são reduzidos, com uma organização pobre e pontuação inadequada. A sua escrita evidencia numerosos erros ortográficos de natureza muito diversa (Torres & Fernández, 2001).

Pereira (2009), esboça uma definição da Disortografia quando cita:

"É uma perturbação que afeta as aptidões da escrita e que se traduz por dificuldades persistentes e recorrentes na capacidade da criança em compor textos escritos. Observa-se a presença de múltiplos erros ortográficos e por vezes má qualidade gráfica." (Pereira, 2009).

Assim, é possível analisar que os contratempos comprimidos em decorrência de algum tipo mencionado acima desencadeiam uma série de processos que produz uma atmosfera não favorável ao modo de aprender do indivíduo, conduzindo-o, infelizmente, a uma trajetória do fracasso escolar. Caso não mediado com veemência pelos sujeitos envolvidos neste processo de desenvolvimento da criança, os danos podem, muitas vezes, serem irreversíveis.

2. A importância das intervenções pedagógicas no contexto escolar com aluno

que apresenta Transtorno de Aprendizagem

Sabe-se, através de estudos que, disfunções cuja ocorrência se dê nas etapas de desenvolvimento das unidades funcionais cerebrais podem acarretar alterações na linguagem e na aprendizagem. Fazendo com que toda essa complexidade evidenciada no cérebro do indivíduo configure, muitas vezes, como Transtorno de Aprendizagem.

Perante isso, compreende-se que os transtornos de aprendizagem por configurarem como um transtorno do neurodesenvolvimento, apresenta um déficit que persiste ao longo do tempo e acaba comprometendo esse desempenho normal do desenvolvimento do sujeito. Por isso, a escola como uma instituição responsável pela promoção do conhecimento ao ser humano, deve buscar vias para trabalhar com esta problemática, com intervenções pertinentes à melhoria de tais dificuldades da maturação cognitiva do sujeito e com estratégias de adaptação aos mesmos (sujeitos). Enfim, mediações que culminem num processo de evolução acadêmica destes alunos.

Lima (2014), afirma que os contratempos desencadeiam uma série de processos que produz uma atmosfera não favorável ao seu modo de aprender, conduzindo a criança a trajetória do fracasso escolar. Cada indivíduo possui seu ritmo e estilo de adquirir o conhecimento, que estão diretamente ligados aos modelos culturais e as condições sócio-históricas que podem contribuir ou não às demandas escolares.

Diante dos contratempos mencionados acima, os quais acarretam déficits significativos na aprendizagem, a escola deve atuar como uma mentora direta na amenização dos danos aos alunos, promovendo atendimento inclusivo para todos os sujeitos que fazem parte da comunidade escolar. Perante esta responsabilidade, ela precisa conectar-se aos programas de inclusão para alunos que apresentam determinadas especificidades; deve considerar a intensidade, a gravidade das limitações e as condições neuronais/psicopedagógicas, didático-metodológicas para promover a melhor intervenção possível.

E, dentre as medidas plausíveis para a mediação em casos de TA, tornase necessário que ela (escola) proporcione à comunidade escolar atividades de conscientização sobre o assunto; aulas expositivas e autorreflexivas; debates; vídeos. Isto é, estratégias úteis para ampliar os conhecimentos a respeito da temática. Importante ressaltar que os alunos que englobam este grupo tenham a oportunidade de participar de forma significativa e integral destas atividades.

Cordeiro (2007) aponta que o ensino e a aprendizagem não estão ligados somente a questões pedagógicas e didáticas, pois são processos que englobam vários fatores determinantes para que se possa chegar a determinadas finalidades. O aprender apresenta várias especificidades, pois deve-se observar os conceitos psicológicos e educativos em relação a cada indivíduo. Este processo é condicionado por estímulos e motivação, na qual o resultado pode levar ao aprendizado efetivo dos alunos, como também não poderá ser efetivado.

Por fim, o autor mencionado acima complementa que dentro do contexto do ensinar e aprender, o princípio das diferenças sociais e culturais devem ser considerados primeiramente, pois, crianças e jovens recebem ensino e aprendem de formas variadas.

Em relação a essas observações

quanto aos procedimentos que culminam no aprender, as quais devem ser analisadas no contexto educacional a Associação Psiquiátrica Americana corrobora que as dificuldades de aprendizagem iniciam-se durante os anos escolares, mas podem não se manifestar completamente até que as exigências pelas habilidades acadêmicas afetadas excedam as capacidades limitadas do indivíduo (p. ex., em testes cronometrados, em leitura ou escrita de textos complexos longos e com prazo curto, em alta sobrecarga de exigências acadêmicas). (ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA, 2014).

Diante desta postulação nota-se que é na escola que esses obstáculos são mais evidenciados. É nesta esfera que as dificuldades passam a ser visíveis. Através de situações em que surgem questionamento, apresentação da leitura/escrita e/ou outro contexto que acaba sendo um grande desafio para este grupo em especial. Pois, é ali que há uma análise mais criteriosa do cenário de dar uma resposta automática e adequada aos parâmetros esperados pela

"normalidade" desejada. Então, neste momento percebe-se que quando há dificuldades em atingir os resultados pretendidos pode-se estar em presença de Transtornos/Problemas/Dificuldades de Aprendizagem.

Em presença desta questão, torna-se de fundamental importância o ambiente educacional observar tais características e buscar ajudar o indivíduo a desenvolver-se, utilizando estratégias pedagógicas contundentes que vão de encontro ao atendimento das necessidades do indivíduo.

Sobre essa questão Relvas, esboça que:

"É na sala de aula que o professor realiza suas tarefas cognitivas com os seus "aprendentes", mas também "escuta" seus parceiros, e por conseguinte, surgem laços que poderão afetar toda a parte envolvida na aprendizagem." (RELVAS, p. 16, 2011).

Destarte, em relação a esse achado, pode-se refletir que o fato de o professor estar diariamente em sala de aula, trabalhando o ensino da leitura e da escrita, faz com que este detecte algumas manifestações não esperadas, quando comparadas com os demais alunos. Fica clara a necessidade de que todos os professores tenham compreensão sobre o tema, para que eles possam refletir sobre as causas dos problemas de aprendizagem, incluindo as educacionais, e possam lidar com as dificuldades apresentadas por estes alunos em sala, a fim de extrair o máximo de suas potencialidades. Na maioria dos casos os alunos dependem da "benevolência" dos professores, desculpando a falta de correção, a fluência leitora, a limitação vocabular, os erros ortográficos. Entendendo que tais limitações é algo sério, característico do transtorno e que deve ser intermediado para ajudar o aluno amenizar seu déficit e viabilizar resultados mais satisfatórios no futuro.

É fundamental que o professor recorra a recursos de conhecimento para que possam mediar a limitação de entendimento do aluno. Como fazer a leitura dos textos/questões interpretativas; trabalhar percepção visual (através da ludicidade fazer com que o aluno visualize a palavra no cérebro); buscar corrigir determinadas distorções na coordenação motora/espacial; colocar o aluno para sentar-se o mais próximo possível de si, uma vez que ele distrai com maior facilidade em decorrência de suas dificuldades e/ou desinteresse. Concomitante a este propósito, essas medidas tendem a favorecer também o

diálogo, orientação e acompanhamento das atividades, além de fortalecer o vínculo afetivo entre eles.

Além disso, ter conhecimento sobre os transtornos de aprendizagem pode contribuir ainda para o professor ajudar no intermediário da procura dos pais pelos serviços de saúde adequados às necessidades do discente. Portanto, tornase importante orientar os professores sobre o tema, pois isto conduzirá sua ação na sala de aula. Enfim, é preciso também que a escola, juntamente com as equipes multidisciplinares ajam de forma integrada com a família a fim de otimizar os resultados e melhor focar o desempenho da aprendizagem, reinventando-se e descobrindo vias para cumprir seu papel na atuação no delicado momento de formação de um ser humano, tornando-o crítico, criativo e autônomo mesmo mediante as limitações de aprendizagem providas do transtorno.

3. CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho conclui-se que o Transtorno de Aprendizagem é marcadamente um problema que representa déficits em habilidades acadêmicas específicas. Onde o sujeito apresenta um nível intelectual normal ou superior. Contudo, com dificuldades e/ou limitações na área da leitura, escrita, ou da matemática. Cujo reflexo acaba prejudicando o processo evolutivo da sua aprendizagem, pois causa discrepâncias entre o seu potencial e os níveis reais de desempenho acadêmico.

Além disso, ficou evidente que se torna imprescindível o conhecimento do desenvolvimento dos transtornos específicos de aprendizagem, para os docentes e a escola como um todo, orientando-os sobre as falhas do desenvolvimento neurobiológico que se convertem nas dificuldades de aprendizagem e, tendo este conhecimento, o âmbito educacional, mas precisamente, o professor assume a figura de mediador nas melhorias acadêmicas.

Sabe-se que, infelizmente, ainda é um grande desafio para as escolas encontrar, para cada indivíduo com dificuldades, as respostas adequadas às suas necessidades específicas, mobilizando saberes de diferentes disciplinas, envolvendo vários profissionais, organizando os recursos que se sabe existirem. Conjuntura esta que vai de encontro a indagação inicial do objetivo da pesquisa: do como são realizadas as intervenções promissoras ao sucesso acadêmico do educando.

Fundamenta-se que avanços estão acontecendo em relação a abordagem. Atualmente, já há uma maior visibilidade de referências a respeito desta temática, o que favorece uma melhor mediação. Assim, evidencia-se neste artigo que mesmo sendo árduo, torna-se de fundamental importância um conhecimento consistente, um trabalho multidisciplinar com alunos que apresentam o TA, onde os docentes (das várias disciplinas do ensino regular e do ensino especial), mas também os psicólogos, os psicopedagogos e todos os outros profissionais que diariamente interagem com estas crianças, estejam preparados para realizar uma interferência adequada às necessidades dos seus discentes. Conjuntamente com a parceria dos pais, a qual é essencial para o desenvolvimento dos seus educandos.

Destarte, considera-se em última instância que a prática do trabalho didático-pedagógico realizado pela escola é essencial para o desempenho acadêmico do discente, já que é neste âmbito que há uma promoção

mais objetiva da concepção da aprendizagem saudável, embasada pela clareza, fidedignidade do percurso que engloba a totalidade do seu desenvolvimento neurocognitivo.

Confirma-se ainda, após os estudos promovidos que propostas devem ser efetivadas com maior veemência em prol de um melhor conhecimento da instituição escolar/familiar em torno da conceituação e complexidade do Transtorno de Aprendizagem, no intuito que haja soluções mais assertivas acerca desta temática.

Enfim, intervenções pontuais que viabilizem uma melhor concepção dos fatores cognitivos decorrentes do processo de maturação, através de estratégias que possam estruturar o predomínio do prazer pela aprendizagem, consequentemente, pelas atividades sociais no sujeito.

Em suma, finda-se que mesmo havendo uma complexidade sobre a referente questão, procura-se a partir deste trabalho proporcionar uma maior conscientização da escola, do corpo docente. Isto é, de todos os sujeitos envolvidos neste processo, sobre a importância de explorar mais esta temática, uma vez que a necessidade é nítida no atual contexto da educação. Finalmente, somente mediante a participação de todos, as superações do aprender serão evidenciadas, serão transformadas em aprendizados expressivos. Pois, como é sabido, o reflexo da educação é o transformar o conhecimento no poder de transformação do outro. E que esse "poder" prolifere em seus mais diversos contextos, em prol do direito a uma educação de qualidade, a uma aprendizagem significativa destes sujeitos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Cleto A. Produção didático-pedagógico. A dislexia no contexto escolar: Subsídios e alternativas para o trabalho pedagógico com o aluno disléxico. Ponta Grossa - PR, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnóstico e manual estatístico de transtornos mentais: DSM-IV. Washington, DC: American Psychiatric Association, 2000.

CAPELLINI, V.L.M.F, RODRIGUES, O.M.P.R. Concepções de professores acerca dos fatores que dificultam o processo da educação inclusiva. Educação. 2009.

DMS IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FLETCHER, J. M., MORRIS, R.D.; LYON, G.R. Classificação e definição de aprendizagem deficiência: uma perspectiva integrativa. Em H. L. Swanson, K. R. Harris & S. Granham. Manual de dificuldades de aprendizagem Nova York, 2003.

FRAGOSO N, ALFREDO F. Discalculia. 2007. Disponível em:

< http://uniprofes.blogspot.com/2007/05/discalculia-tropeando-em-nmeros.html >. Acesso em 17 de nov. 2021.

FRANCESCHINI BT, et al. Dificuldades de aprendizagem específicas Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia, 2015.

GARCIÁ, Jesus Nicasio. Manual de dificuldades de Aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

RELVAS, MP – Neurociência e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva/ Marta

Pires Relvas – 6ª ed. Rio de janeiro: Wak Editora, 2015.

RIESGO, R.S, et al. Transtornos de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

PEREIRA, R. S. Dislexia e Disortografia – Programa de Intervenção e Reeducação (vol. I e II). Montijo: You!Books, 2009.

TOPCZEMWKI, Abram. Aprendizado e- Suas Desabilidades – Como lidar? São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 2000.

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. Dislexia, Disortografia e Disgrafia.

Amadora: McGrawHill, 2001.

RELACIONAMENTO PROFESSOR – ALUNO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Claudia Ramos de Lima Ferreira

INTRODUÇÃO

O que é ser um bom professor? Esse questionamento não é algo inovador, tão pouco esgotado de investigação e pesquisa. Em todos os estágios realizados, (caracterização da escola, educação infantil e ensino fundamental) a interrogativa do bom professor é retomada e o relacionamento entre ambos é o primordial para o sucesso da prática pedagógica. As respostas manifestam-se aos turbilhões, aquelas utópicas, outras fracassadas, as reproduzidas. Não obtemos êxito neste questionamento por comodidade, por medo da resposta não nos agradar, ou por uma ideologia dominante que não nos permite expressar nosso verdadeiro valor. Quando falamos do perfil do professor, percebe-se que devemos partir da indagação sobre o que determina o desempenho do professor na prática pedagógica e como se realiza o ato pedagógico escolar. Para ela afluem as contradições do contexto escolar, os conflitos psicológicos, as questões da ciência e as concepções de valor daqueles que compõem o ato pedagógico: O professor e o aluno.

Neste artigo estaremos abordando de maneira sucinta o pensamento de alguns teóricos sobre o assunto pesquisado, iremos percorrer alguns caminhos que possivelmente poderão nos esclarecer muitas dúvidas ainda existentes na relação professor-aluno, o assunto investigado partiu da problemática encontrada nas escolas onde foram realizadas as pesquisas, pois a partir daí ficou claro que o tema é atual e carente de atenção. Citaremos também uma breve contextualização da história da educação para que possa ficar clara a evolução histórica desta relação.

A RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO E SEUS DESAFIOS

“A expansão da educação no Brasil e no mundo tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas, acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estrutura das famílias”. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL, 1998, p. 11). E como teria começado a história da educação no Brasil?

Warde também localiza no terreno da educação os começos dessa história. Nossos renovadores da educação a partir da